

## **“Meus inimigos estão no poder”: uma leitura do evangelho de Marcos a partir do conflito de Jesus com o centro**

*Claudio de Oliveira Ribeiro\**

### **Resumo**

O texto trata dos conflitos vivenciados por Jesus, a partir de uma interpretação da noção de *caminho* no evangelho de Marcos. A proposta enfatiza a trajetória que vai da experiência na Galileia, onde a teologia oficial está posta em questão; passando pela ida para Jerusalém, como tempo de crise e de opções radicais; até o ministério de Jesus nesta cidade, onde se travou o conflito decisivo para a Paixão. Para Jesus, em especial, e para a comunidade que motiva a redação do Evangelho, em particular, está o confronto com o centro de poder político e religioso da época. Trata-se de uma inevitável contraposição com aqueles que, contrários à proposta do reino anunciada por Jesus, ocupam os postos de poder.

**Palavras-chave:** Evangelho de Marcos – Conflito – Cristologia – Poder.

### **“Mis enemigos están en el poder”: una lectura del Evangelio de Marcos a partir del conflicto de Jesús con el centro**

### **Resumen**

El texto aborda los conflictos vividos por Jesús, a partir de una interpretación de la noción de *camino* en el Evangelio de Marcos. La propuesta enfatiza la trayectoria que va desde la experiencia en Galilea, donde la teología oficial es cuestionada; incluyendo la ida a Jerusalén, como tiempo de crisis y de opciones radicales; hasta el ministerio de Jesús en esta ciudad, donde se entabló el conflicto decisivo para la Pasión. Especialmente

---

\* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica–RJ. Trabalha como professor de Teologia Sistemática da Universidade Metodista de São Paulo e como pastor na comunidade de Jardim Santo André, Santo André-SP.

para Jesús, y particularmente para la comunidad que motiva la redacción del Evangelio, está el enfrentamiento con el centro de poder político y religioso de la época. Se trata de una inevitable contraposición contra aquellos que, contrarios a la propuesta del reino anunciada por Jesús, ocupan los puestos de poder.

**Palabras clave:** Evangelio de Marcos – Conflicto – Cristología – Poder.

## “My enemies are in power”: a reading of the Gospel of Mark based on Jesus’ conflict with the center

### Abstract

This article deals with the conflicts experienced by Jesus, based on an interpretation of the notion of *path* in the Gospel of Mark. The proposal emphasizes the trajectory that goes from the experience in Galilee, where the official theology is put into question; passing through the journey to Jerusalem, as a time of crisis and of radical oppositions; until the ministry of Jesus in this city, where he entered into decisive conflict that lead to the Passion. For Jesus, especially, and for the community that motivates the Gospel’s writing, in particular, is the confrontation with the political and religious power center of that time. The discussion presents an inevitable contraposition with those that, contrary to the proposal of the kingdom announced by Jesus, occupy places of power.

**Keywords:** Gospel of Mark – Conflict – Christology – Power.

Por diferentes razões, o Evangelho de Marcos tem sido valorizado nos estudos acadêmicos e pastorais da atualidade. São muitas também as formas de abordagem, mas todas confluem para a dinamicidade do evangelho no qual Jesus e os discípulos, sempre “a caminho”, encontram e reencontram suas metas e suas perspectivas fundamentais de fé.

Para Jesus, em especial, e para a comunidade que motiva a redação do Evangelho, em particular, está o confronto com o centro de poder político e religioso da época. Trata-se de uma inevitável contraposição com aqueles que, contrários à proposta do reino anunciada por Jesus, ocupam os postos de poder. Como se deram e quais são as implicações deste conflito? Como eles interpelam a fé cristã? Compreender melhor tais questões é o objetivo desta reflexão.

O Evangelho de Marcos revela-se de profunda riqueza teológica que deveria ser explicitada para melhor compreensão do tema proposto por este trabalho. No entanto, em função dos limites, os pontos considerados básicos para o conjunto do Evangelho e para a temática escolhida estão pressupostos e somente indicados no primeiro item.

Na sequência, propositadamente, está o caminho: a experiência na Galileia, onde a teologia oficial está posta em questão; a ida para Jerusalém,

como tempo de crise e de opções radicais; e o ministério de Jesus nesta cidade, onde se travou o conflito decisivo para a Paixão. Trata-se de modesta, mas empolgante viagem (teológica) pelos caminhos estreitos e tortuosos de Cristo e de cristãos, em suas primeiras viagens.

## I - Pressupostos

Algumas ideias centrais permeiam todo o trabalho<sup>1</sup>. Trata-se ora de perspectivas hermenêuticas básicas e consensuais, ora de linhas de pensamento que elucidem melhor a tensão entre Jesus e os grupos e práticas em questão. Tais pressuposições podem, assim, ser identificadas.

1. A chave de leitura do Evangelho de Marcos é a perspectiva do *conflito*, tanto na vida de Jesus como na vida da comunidade *marcana*. No processo de superação deste conflito irrompe o discipulado, o seguimento e a práxis cristã, as quais possuem a prática de Jesus como critério.

2. Há uma pergunta central – base de discernimento para a comunidade protagonista do Evangelho – que orientou a redação e é referência básica de interpretação. Trata-se de: *quem é Jesus?* A resposta a esta indagação é encontrada no discipulado e no seguimento de Jesus – caminho que remete, também os seguidores, à experiência da cruz.

3. O Evangelho de Marcos, tanto pelo gênero literário como pela estrutura de redação, representa uma correção da mentalidade apocalíptica triunfalista reinante dentro dos movimentos judaicos do primeiro século. Jesus de Nazaré, verdadeiramente, é o Filho de Deus (Mc 1.1), que se distancia do Messias triunfante esperado por muitos, até mesmo na comunidade, mas revela-se como o Servo que assume o caminho que leva à cruz. A prioridade para o relato das práticas (“ortopraxia”) em detrimento da confissão (“ortodoxia”) torna-se elemento da identidade cristã.

<sup>1</sup> A base para estes pressupostos foi encontrada em GALLARDO, Carlos Bravo. *Jesús hombre en conflicto*. México-México: Centro de Reflexão Teológica, 1986 e ALEGRE, Xavier. Marcos ou a correção de uma ideologia triunfalista: chave de leitura de um evangelho beligerante e comprometido. *A Palavra na Vida* (8), Cebi, 1988, além dos artigos de LORASCHI, Celso. Jesus e as comunidades: caminho de amor e vida - o novo povo de Deus na perspectiva do Evangelho de Marcos. *Encontros Teológicos* (21), pp. 30-37 e de GORGULHO, Gilberto. O caminho e o seguimento de Jesus. *Revista Eclesiástica Brasileira*, 44(174), pp. 25-37, jun. 1984 (*Estudos Bíblicos*, 2). Veja também os artigos publicados em *Estudos Bíblicos* (22), 1989, de SILVA, Airton José da. O relato de uma prática: roteiro para uma leitura de Marcos. *Estudos Bíblicos*, n. 22, p. 11-21, 1989; e de AZEVEDO, Valmor Oliveira de. Uma leitura do Evangelho de Marcos: a força pedagógica da articulação global do Evangelho de Marcos. *Estudos Bíblicos*, n. 22, p. 23-30, 1989.

4. A expectativa (e a ordem) de Jesus de que a sua messianidade não fosse revelada representa uma das formas de conter a visão triunfalista surgida em torno dele. O “segredo messiânico” é revelado gradualmente, sempre em conexão com a perspectiva da Paixão, e mantém-se até mesmo após a ressurreição (Mc 16.8). Trata-se também de referência teológica questionadora da autossuficiência excessiva da comunidade *marcana*.

5. Os relatos do Evangelho de Marcos priorizam a *ação* de Jesus, estando os *ensinamentos* em segundo plano. A dinamicidade do Evangelho caracteriza-se pelo apelo ao seguimento como motivação teológica, pela periferia (Galileia) como lugar social privilegiado, pela relação com os empobrecidos e oprimidos como sujeitos sociais e por possuir o cotidiano como o tempo e o espaço (do reino).

6. A prática de Jesus é *processual* (histórica e desenvolvida a partir de ações e de reações concretas), *situada* (encarnada na realidade econômica, política e religiosa) e *conflituosa* (não desejada, mas inevitável, em função da contradição entre o reino de Deus e a realidade social da época).

7. Há uma constante tensão no Evangelho entre os códigos da *aliança* e da *pureza*. O primeiro retoma o êxodo, a experiência do deserto e a corrente profética, enquanto o segundo refere-se ao Templo, à perspectiva do sacerdócio real e à oposição à reforma deuteronômica. A prática jesuânica é a personificação do código da aliança. O conhecimento e a sabedoria de Jesus vêm do deserto e não da sinagoga.

8. Há, em todo o evangelho, uma preocupação com o seguimento de Jesus: possibilidades, critérios, consequências. “Os paradigmas do verdadeiro discipulado são os que estão mais longe do poder religioso e político<sup>2</sup>.”

9. O Evangelho de Marcos, em sua apresentação didático-teológica, indica um momento de crise, de consequentes rupturas e continuidades com a proposta evangélica (= *kairós*) apresentada inicialmente. Para Jesus, tal crise revelou-se existencialmente em face das incompreensões (“cegueiras”) sobre a sua messianidade por parte da maioria, até mesmo dos discípulos (cf. Mc 8.27-30). Com isso, Jesus anuncia sua Paixão, radicaliza sua prática e continua seu ministério.

10. A redação do Evangelho possui forte intenção teológica, o que equivale dizer que não há preocupação com a narração histórica ou biográfica de fatos, mas com a interpretação de situações concretas vivenciadas por determinada comunidade cristã emergente (provavelmente em Roma), por volta dos anos 70 d.C.

---

<sup>2</sup> Cf. FIORENZA, Elisabeth S. *In Memory of Her*, citada por Eva Aparecida R. de Moraes e Paula. “Curas e exorcismos em Marcos”, mimeo. p. 2.

11. A compreensão dos evangelhos (não só o de Marcos) requer a consideração de três sujeitos/momentos articulados, constitutivos da redação:

- Sujeito 1: Jesus histórico (Jesuânico);
- Sujeito 2: A transmissão oral ou escrita de blocos, bem como a reinterpretação do evento Jesus no período pós-pascal até o período do evangelista;
- Sujeito 3: A redação final do evangelista (pessoal ou coletivo).

## II – A experiência na Galiléia: a teologia oficial em questão

O ministério de Jesus inicia-se na Galileia após a experiência do deserto, segundo o relato do evangelho de Marcos. “Ao longo da história de Israel surge uma *espiritualidade do deserto*, que é um lugar de solidão, oração, luta interior, tentação, purificação, recomeço da história e encontro com Deus<sup>3</sup>.”

A Galileia possui significado teológico relevante. Ali Jesus escolheu seus discípulos (Mc 1.16-20; 2.14 e 3.13-19), deu-lhes a missão (Mc 6.6b-13) e os preparou para os enfrentamentos e para a Paixão (Mc 8.31ss). A Galileia contrasta com Jerusalém – lugar de que procedem opositores: “E os escribas que haviam descido de Jerusalém diziam: ‘Belzebu está nele’” (Mc 3.22). “Os fariseus e alguns escribas vindos de Jerusalém, reuniram-se a ele” (e discutiram sobre a tradição dos antigos) (Mc 7.1-13).

A Galileia, portanto, “mais que um lugar geográfico é um lugar teológico”, e servirá, posteriormente, como está redigido no final do Evangelho, de referência simbólica de onde encontrar o ressuscitado (Mc 16.7)<sup>4</sup>.

A ênfase do *kairós*, de que “o tempo está realizado e o reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho” (Mc 1.12-13), abre, para Jesus, uma longa jornada de conflito em meio à sua vida e mensagem. A Galileia é distante do centro, mas não deixa de ser lugar privilegiado para a crítica de Jesus aos poderes constituídos e que estão em contraposição à mensagem do reino por ele proclamada.

### 1. O que é o centro?

A chave interpretativa dessa expressão é a conjugação dos fatores políticos externos e internos presentes na vida do povo judeu<sup>5</sup>. Os primeiros tratam de uma dominação exercida pelo Império Romano, de cunho político-econômico. Os fatores internos referem-se a uma supremacia de lideranças judaicas, de cunho político-religioso, que redundava em posturas de conso-

<sup>3</sup> RICHARD, Pablo. *O homem Jesus*. São Paulo, Moderna, 1993. p. 14.

<sup>4</sup> Cf. ALEGRE, op. cit., p. 30-31.

<sup>5</sup> Cf. RICHARD, op. cit., p. 12.

nância com o poder romano. As críticas indicam que se tratava de uma “casta de sacerdotes e mestres corruptos, colaboradores do Império Romano”<sup>6</sup>.

Este quadro de dupla dominação produzia massas economicamente pobres, religiosamente marginalizadas e politicamente reprimidas, em especial a partir dos mecanismos institucionais dos tributos, da Lei e do exército. Por outro lado, este mesmo quadro gerou revoltas e movimentos de resistência, sendo a Galileia, lugar da infância e da juventude de Jesus, um dos locais mais afetados pelas convulsões políticas e sociais da época.

Entre os grupos políticos (e religiosos, por suposto, dada a mentalidade da época) destacavam-se os *saduceus* (economicamente abastados e aliados do Império), os *fariseus* (nacionalistas moderados, observantes da Lei), os *zelotes* (nacionalistas extremados), os *essênios* (que viviam em comunidades, afastados de Jerusalém, considerada corrupta) e o movimento profético (de massas e apocalíptico e que possuía na pessoa de João Batista forte referência)<sup>7</sup>.

As autoridades judaicas exerciam o poder por intermédio do Sinédrio (como expressão política) e do Templo (como expressão teológica), ambos localizados em Jerusalém. O Sinédrio (conselho supremo dos judeus) era dirigido por um sumo sacerdote judeu e formado por 71 integrantes, entre fariseus e uma maioria de saduceus.

O Templo, por sua vez, era de vital importância para o povo judeu e os habitantes de Jerusalém, em especial. Tratava-se de motivo de orgulho, chave de identidade, síntese sacramental da eleição e fonte da economia judaica. Esta incluía o comércio de animais para os sacrifícios, o trabalho de construção do Templo – ainda presente na época de Jesus –, e os serviços dos sacerdotes, levitas e outros<sup>8</sup>.

Em torno destes dois elementos havia um sistema de ideias e de práticas, o qual foi objeto de contestação de vários grupos e do ministério e do seguimento de Jesus. O centro, portanto, mais do que geográfico, era a expressão ideológica de um sistema de doutrinas e de práticas político-religiosas vigentes.

---

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Cf. Ibidem.

<sup>8</sup> Cf. GALLARDO, Carlos Bravo. *Galiléia ano 30: para ler o Evangelho de Marcos*. São Paulo-SP: Paulinas, 1996. p. 122, sobre o contexto da comunidade marcana. Há em linguagem popular subsídios com substanciais informações em MOSCONI, Luis. O Evangelho segundo Marcos. *A Palavra na Vida*, (24), 1989; e SOUZA, Marcelo Barros de. Assim viveram nossos irmãos. In: BEOZZO José Oscar (org.). *Curso de Verão ano III*. São Paulo; Paulinas, 1989. p. 15-45.

## 2. *Os primeiros conflitos*

Não obstante Jesus ter privilegiado a população camponesa e empobrecida da Galileia como alvo preferencial de seu ministério (ao contrário de se dirigir às autoridades e grupos sociais de destaque em Jerusalém), sua prática estabeleceu uma polêmica radical com os fariseus e com os mestres de Israel<sup>9</sup>.

O Evangelho de Marcos revela, a partir do relato de cinco atitudes de Jesus, em sequência, este confronto:

- a. perdoa os pecados de um paralítico e cura-o de sua enfermidade (Mc 2.1-12);
- b. convida um cobrador de impostos (Levi) para ser seu discípulo e vai à casa dele para comer em companhia de outros publicanos (Mc 2.13-17);
- c. deixa, juntamente com seus discípulos, de observar a prática do jejum, prescrita na Lei (Mc 2.18-22);
- d. faz esforços indevidos segundo a Lei ao colher espigas pelas plantações do caminho em que andava, em dia de sábado (Mc 2.23-28);
- e. igualmente em dia de sábado, na sinagoga, cura um homem doente (Mc 3.1-5).

Tais atitudes geram, da parte de fariseus e de herodianos, a imediata intenção de conspiração contra Jesus e de planejamento de sua morte (Mc 3.6). Eles perceberam as dimensões libertadoras (e, neste sentido, subversivas) contidas nos discursos de Jesus e que orientavam suas práticas.

### \* *A universalidade da graça de Deus*

“Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores” (Mc 2.17).

### \* *A força criadora de Deus*

“... Ninguém faz remendo de pano novo em roupa velha; por que a peça nova repuxa o vestido velho e o rasgo aumenta. Ninguém põe vinho novo em odres velhos; caso contrário, o vinho estourará os odres, e tanto o vinho como os odres ficam inutilizados. Mas, vinho novo em odres novos” (Mc 2. 21-22).

### \* *A supremacia do ser humano em relação à religião*

“O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado, de modo que o Filho do Homem é senhor até do sábado” (Mc 2.27).

---

<sup>9</sup> Cf. RICHARD, op. cit., p. 16-19.

### 3. A necessidade de discernimento

Nos relatos seguintes, sob o marco teológico negativo de Jerusalém – o centro –, encontram-se confrontos com autoridades religiosas vindas de lá (Mc 3.22-30 e 7.5-13), além da referência de Herodes a Jesus:

E o rei Herodes ouviu falar dele. Com efeito, seu nome se tornara célebre, e dizia-se que João Batista fora ressuscitado dos mortos, e por isso os poderes operavam através dele. Já outros diziam: “É Elias”. E outros ainda: “É um profeta como outros profetas”. Herodes, ouvindo estas coisas, disse: “João, que eu mandei decapitar, foi ressuscitado” (Mc 6.14-16).

No relato do conflito com fariseus e escribas sobre a tradição dos antigos, Jesus inverte os termos da controvérsia:

... os fariseus e os escribas o interrogaram: “Por que não se comportam os teus discípulos segundo a tradição dos antigos, mas comem com mãos impuras?” Ele respondeu: “Bem profetizou Isaiás a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: *Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me prestam culto; pois o que ensinam são mandamentos humanos*. Abandonais o mandamento de Deus, apegando-vos à tradição dos homens” (Mc 7.5-8).

Reúnem-se neste debate indicações teológicas fundamentais:

- a contradição entre a tradição profética da Aliança (recriada por Jesus) e a tradição sacerdotal da pureza (cristalizada pelos opositores);
- a falibilidade da religião e do culto firmados na defesa de preceitos e de interesses meramente humanos, tornando uma prática religiosa vazia e mentirosa;
- o direito e a justiça como critérios para discernir o que é a Lei de Deus e o que é a lei humana<sup>10</sup>.

Todas estas experiências, somadas às referências de conflito indireto, como a negação do pedido por um sinal dos céus que os fariseus fazem a Jesus (Mc 8.11-13), e a recomendação de Jesus aos discípulos para que tivessem cuidado e se guardassem “do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes” (Mc 8.15), culminam com a cura de um cego em Betsaida (Mc 8.22-26).

O forte conteúdo teológico desta cura abre perspectivas para uma nova etapa: a caminhada em direção a Jerusalém. Antes dela, a necessidade de discernimento, de “perceber alguma coisa”, de “abrir os olhos”. Ao mesmo

<sup>10</sup> Cf. GALLARDO, *Jesús hombre en conflicto*, cit., p. 132-134.

tempo, somente uma intensificação da prática capacita para que se veja perfeitamente. O cego de Betsaida é símbolo dos discípulos.

### **III – A caminho de Jerusalém: tempo de crise e opções radicais**

Cumprida a missão na Galileia, Jesus dirige-se a Jerusalém, cidade-Estado, centro do poder político-religioso de Israel<sup>11</sup>. Ir a Jerusalém significava um enfrentamento mortal com as autoridades políticas e religiosas. O contato de Jesus com as multidões abria as possibilidades de poder, em especial pelas expectativas messiânicas do povo. Jesus, ao estar com as multidões, corria risco real de vida, pois o contexto de insurreições populares caracterizava o momento e as condições políticas dos diferentes grupos. No entanto, Jesus, acima das intenções querigmáticas, exercia a solidariedade, como fizera na partilha dos pães e dos peixes<sup>12</sup>: “Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor” (Mc 6.34).

A ida a Jerusalém tratava-se do ato de apresentar e tornar ainda mais público o projeto do reino de Deus, agora a partir do centro de sua própria nação.

#### *1. O que é ser discípulo?*

Neste contexto, surge a necessidade de melhor definição do que é ser discípulo, ou seja, de quais são as condições para seguir Jesus<sup>13</sup>:

Chamando a multidão, juntamente com os seus discípulos, disse-lhes: “[...] aquele que quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas o que perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, vai salvá-la. Com efeito, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e arruinar a sua vida?...” (Mc 8.34-36).

Há uma radicalidade em Jesus, expressa na prioridade do projeto do reino: “Se tua mão te escandaliza, corta-a: melhor é entrares mutilado para a Vida do que, tendo as duas mãos, ires para a geena, para o fogo inextinguível” (Mc 9.43-44).

#### *2. Os anúncios da Paixão*

Neste contexto conflituoso, Jesus faz o primeiro anúncio da Paixão. Estas palavras representam, tanto para os discípulos como para o próprio Jesus, interpelação existencial profunda, tempo kairótico de decisão.

<sup>11</sup> Cf. RICHARD, op. cit., p. 37.

<sup>12</sup> Cf. Ibidem, p. 31-32. Para um aprofundamento sobre o relato dos pães e dos peixes veja: SILVA, Por que milagres? O caso da multiplicação dos pães. *Estudos Bíblicos*, n.22, p. 43-53, 1989; e AZEVEDO, Dai-lhes vós mesmos de comer’: desafio, crise e partilha. *Estudos Bíblicos*, n. 15, 1987. p. 47-56.

<sup>13</sup> Cf. RICHARD, op. cit., p. 38-39.

E começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muito, e fosse rejeitado pelos anciãos, sumos sacerdotes e escribas, e fosse morto e, depois de três dias, ressuscitasse. Dizia isto abertamente. Pedro, chamando-o de lado, começou a adverti-lo. Ele, porém, voltando-se e vendo os seus discípulos, repreendeu a Pedro, dizendo: “Arreda-te de mim, Satanás, por que não pensas as coisas de Deus, mas dos homens!” (Mc 8.31-33).

Diante de Jesus está a escolha entre a fidelidade radical ao projeto do Pai e uma forma de suavização “ao tratar de torná-lo mais aceitável e possível, de modo a ser negociado com as autoridades judias”<sup>14</sup>. Jesus segue seu caminho, dá continuidade aos seus fortes apelos à multidão e aos discípulos ao afirmar, entre outros aspectos, que “se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34). Assim, Jesus, em meio à dinamicidade de seu caminho/ministério, faz o segundo e o terceiro anúncios da Paixão:

Tendo partido dali, caminhava através da Galileia, mas não queria que ninguém soubesse, pois ensinava aos seus discípulos e dizia-lhes: “O Filho do Homem será entregue às mãos dos homens e eles o matarão e, morto, depois de três dias ressuscitará”. Eles, porém não compreendiam esta palavra e tinham medo de interrogá-lo (Mc 9.30-32).

Estavam no caminho, subindo para Jerusalém. Jesus ia à frente. Estavam espantados, e acompanhavam-no com medo. Tomando os Doze novamente consigo, começou a dizer o que estava para lhe acontecer. “Eis que estamos subindo para Jerusalém e o Filho do Homem será entregue aos sumos sacerdotes e aos escribas; eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios, zombarão dele e cuspirão nele, o açoitarão e o matarão, e três dias depois ressuscitará” (Mc 10.32-34).

### *3. Perspectivas novas*

Os anúncios da Paixão não possuíam intenções imobilizadoras ou de crítica vazia ao sistema ou ainda de dispersar a esperança. Ao contrário, o relato do Evangelho de Marcos apresenta, em meio às perspectivas de sofrimento e de morte, linhas teológicas de práticas religiosas essencialmente libertadoras, tais como:

\* a fraternidade como valor

E chegaram a Cafarnaum. Em casa, ele lhes perguntou: “Sobre o que discutíeis no caminho?”. Ficaram em silêncio, porque pelo caminho vinham discutindo

---

<sup>14</sup> Ibidem, p. 42.

sobre qual era o maior. Então ele, sentando-se chamou os doze e disse: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último e aquele que serve a todos”. Tomou uma criança, colocou-a no meio deles e, pegando-a nos braços, disse-lhes: “Aquele que receber uma destas crianças por causa do meu nome, a mim recebe; e aquele que me recebe, não é a mim que recebe, mas sim àquele que me enviou” (Mc 9.33-37).

\* e a autoridade como serviço<sup>15</sup>:

Chamando-os, Jesus lhes disse: “Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. (Mc 10.42-45).

O caminho para Jerusalém, em si, contempla vários significados. Um primeiro é que o discipulado requer nova direção, deslocamento constante, prosseguimento. Outro, é como o reconhecimento do discipulado se faz pela fidelidade a este caminho de conflitos e de perspectiva sombrias. Um terceiro mostra como a ação concreta de caminhar remete a novas visões da fé, em especial de desprendimento e de despojamento evangélicos. Resta-lhes o inevitável.

#### **IV - O ministério de Jesus em Jerusalém: o conflito decisivo**

A principal atividade de Jesus em Jerusalém foi a confrontação com o Templo, com as autoridades e também com o povo<sup>16</sup>. A chegada de Jesus na cidade deu-se no tempo da Páscoa, época de grandes significados para o povo judeu.

A Páscoa mobilizava numerosos grupos vindos de outros lugares, o que triplicava a população por aqueles dias. Isto fazia com que a Páscoa, além de seu significado religioso, obtivesse o valor de mais importante momento para Jerusalém (e Israel, por suposto) uma vez que confirmava e legitimava a cidade como centro político e econômico<sup>17</sup>.

<sup>15</sup> Quanto a este aspecto, veja o artigo de GLAAB, Bruno Godofredo. O modelo igreja serviço: uma análise teológica de Marcos 10: 42-45. *Revista de Cultura Teológica*, v. 3, n. 12, p. 99-107, jul/set 1995.

<sup>16</sup> Cf. *Ibidem*, p. 42.

<sup>17</sup> Cf. GALLARDO. *Galiléia ano 30*, cit., p. 122; *Jesús hombre en conflicto*, cit., p. 173-174.

## 1. O questionamento ao Templo

Neste quadro, Jesus trava um destacado embate, com dois momentos: um público e outro privado. O primeiro – que em função da proximidade da Páscoa ganhou proporções consideráveis – centrou-se em “uma ação fulminante e profética contra o Templo” e está registrado nos capítulos 11 e 12 do Evangelho de Marcos. Neste primeiro momento do embate, o público, destacam-se:

- \* *a entrada messiânica em Jerusalém* (11.1-13) (preche de significados políticos e teológicos),
- \* *o sinal da figueira que secou* (11.12-14) (símbolo do Templo em Israel),
- \* *a purificação do Templo* (11.15-19) (que despertou a ira dos sumos sacerdotes e escribas),
- \* *o debate com os sumos sacerdotes, escribas e anciãos* (11.27-33) (sobre a questão da autoridade e do batismo),
- \* *a parábola da vinha* (12.1-12) (em que o dono da vinha viria destruir os vinhateiros e dar a vinha a outros),
- \* *o embate com fariseus e herodianos* (12.13-17) (sobre o imposto a César),
- \* *o debate teológico com os saduceus* (12.18-27) (sobre a ressurreição dos mortos),
- \* *a discussão com os escribas* (12.28-40) (sobre os mandamentos e outras práticas),
- \* *a oferta da viúva pobre* (12.41-44) (em frente ao Tesouro do Templo).

Após isso, Jesus, desta vez de forma privada junto a seus discípulos, faz uma reflexão sobre o futuro do Templo e do seguimento das propostas do reino<sup>18</sup>. Tais perspectivas estão registradas no capítulo 13, em linguagem escatológica, e destacam que “não ficará pedra sobre pedra no Templo” (13.1-4), dando lugar ao “princípio das dores” (13.5-13), à “grande tribulação de Jerusalém” (13.14-23), à “manifestação gloriosa do Filho do Homem” (13.24-27), o que requer discernimento” (13.28-32) e “vigilância” (13.33-37) constantes.

A atitude de Jesus em relação ao Templo<sup>19</sup> possui momentos paradigmáticos. Um dos rememoráveis é o da “purificação”:

<sup>18</sup> No decorrer de todo o Evangelho, em contraposição ao *Templo*, Jesus realça a *casa*, como lugar de evangelização por excelência. Para casa Jesus envia o paralisado e o endemoninhado após anunciar-lhes a Boa Nova (Mc 2.11; 5.19); nela a multidão se aglomera para estar com Jesus (Mc 2.1; 7.24); a casa é o lugar de formação e de diálogo com os discípulos (Mc 9.33; 10.10); e de celebração da ceia (Mc 14.15). (Cf. LORASCHI, op. cit., p. 32-33). Veja também: COMBLIN, José. A Igreja nas casas. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 47, n. 162, p. 320-355, jun 1987.

<sup>19</sup> Para um aprofundamento veja: VOLKMANN, Martin. Jesus ‘destruiu’ o Templo – a Igreja o reconstruiu? *Estudos Teológicos*, n. 30, v. 3, p. 244-255, 1990.

Chegaram a Jerusalém. E entrando no Templo, começou a expulsar os vendedores e os compradores que havia no Templo: virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, e não permitia que ninguém carregasse objetos através do Templo. E ensinava-os dizendo: “Não está escrito: *A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos?* Vós, porém, fizestes dela um *covil de ladrões!*” Os sumos sacerdotes e os escribas ouviram isso e procuravam como fazê-lo perecer, pois toda a multidão andava muito extasiada com o seu ensino. Ao entardecer, ele se dirigiu para fora da cidade (Mc 11.15-19).

O questionamento à comercialização no Templo causou certa paralisação econômica, não sem drásticas consequências. As autoridades religiosas e os recursos de manutenção delas e de todo o sistema estavam em questão e requeriam providências. Da parte de Jesus, o enfrentamento possuía duas dimensões: a ética (pela atitude que favorecia as vendas) e a teológica (pela ideologia que produzia “boa consciência”)<sup>20</sup>.

A primeira, por vezes, foi mais destacada nas pregações que atravessaram a história da Igreja. Todavia, foi sobretudo a segunda – a crítica às formas religiosas de autossalvação humana – que Jesus enfatizou. Tratava-se, mais uma vez, de recriar a tradição profética da justiça e a tradição sinaítica de Deus é maior, que está para além, que alcança o povo, mas não é alcançado por ele. Neste sentido, há forte confronto entre Jesus e a visão religiosa do povo.

## 2. *Religião oficial x reino de Deus*

No confronto direto com as autoridades, Jesus evidencia determinadas contradições do poder constituído. Esse tipo de atitude de Jesus causava entusiasmo popular em função de certo desgaste já vivido pelas autoridades.

Uma das contradições está no plano do conhecimento. Trata-se do “não saber” dos teólogos oficiais<sup>21</sup>.

Foram de novo a Jerusalém, e, enquanto ele andava no Templo, aproximaram-se os sumos sacerdotes, os escribas e os anciãos, e lhe perguntavam: “Com que autoridade fazes estas coisas? Ou, quem te concedeu esta autoridade para fazê-las?” Jesus respondeu: “Eu vou propor-vos uma só questão. Respondei-me e eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. O batismo de João era do Céu ou dos homens? Respondei-me”. Eles arrazoavam uns com os outros dizendo: “Se respondermos: ‘do Céu’, ele dirá: por que não crestes nele? Mas, se respondermos: ‘Dos homens?’” Temiam a multidão, pois todos pensavam que João era

<sup>20</sup> Cf. RICHARD, op. cit., p. 46.

<sup>21</sup> Cf. *Ibidem*, p. 47.

de fato um profeta. Diante disso, responderam a Jesus: “Não sabemos”. Jesus então lhes disse: “Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas” (Mc 11.27-33).

Outra contradição encontra-se no plano político. Trata-se do “não poder”, em especial dos fariseus. Jesus não se alinha aos fariseus (pela oposição pragmática destes aos romanos), nem aos saduceus (pelo oportunismo complacente)<sup>22</sup>. Com esta perspectiva inovadora e autônoma de Jesus entende-se mais adequadamente a resposta dele sobre a questão do imposto a César:

Enviaram-lhe, então, alguns dos fariseus e dos herodianos para enredá-lo com alguma palavra. Vindo eles, disseram-lhe: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e não dás preferência a ninguém, pois não consideras os homens pelas aparências, mas ensinas, de fato, o caminho de Deus. É lícito pagar imposto a César ou não? Pagamos ou não pagamos?” Ele, porém, conhecendo a sua hipocrisia, disse: “Por que me pondeis à prova? Trazei-me um denário para que eu veja”. Eles trouxeram. E ele disse: “De quem é esta imagem e a inscrição?” Responderam-lhe: “De César”. Então Jesus lhes disse: “O que é de César devolvi a César, o que é de Deus, a Deus”. E muito se admiraram dele (Mc 12.13-17).

No confronto com os saduceus, Jesus desvela outra contradição, agora no plano da verdade. Trata-se do “não crer”. Esta perspectiva dos saduceus gera cinismo, pragmatismo e maior desejo de manutenção do *status quo*. A fé na ressurreição, como verdade teológica e filosófica, redimensiona a vida e confere sentido último à dimensão temporal. Daí a crítica de Jesus ao saduceus.

Então foram até ele alguns saduceus – os quais dizem não existir ressurreição – e o interrogaram: “Mestre, Moisés deixou-nos escrito que se alguém tiver irmão que morra deixando mulher sem filhos, tomará ele a viúva e suscitará descendência para o seu irmão. Havia sete irmãos. O primeiro tomou a mulher, e morreu sem deixar descendência. O segundo tomou-a e morreu sem deixar descendência. E o mesmo sucedeu ao terceiro. E os sete não deixaram descendência. Depois de todos, também a mulher morreu. Na ressurreição, quando ressuscitarem, de qual deles será a mulher? Pois que os sete a tiveram por mulher”. Jesus disse: “Não é por isso que vos enganais, desconhecendo as Escrituras e o poder de Deus? Pois quando ressuscitarem dos mortos, nem eles se casam, nem elas se dão em casamento, mas são como os anjos nos céus. Quanto aos mortos que hão de ressurgir, não lestes no livro de Moisés, no tre-

<sup>22</sup> Cf. *Ibidem*, p. 50.

cho sobre a sarça, como Deus lhe disse: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó? Ora, ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos. Estais muito enganados!” (Mc 12.18-27).

O último confronto possui a ênfase no plano da práxis. Jesus, ao explicitamente apontar a contradição dos escribas, revela o “não ser” deste grupo.

Guardai-vos dos escribas que gostam de circular com togas, de ser saudados nas praças públicas, e ocupar os primeiros lugares nas sinagogas e os lugares de honra nos banquetes; mas devoram as casas das viúvas e simulam que estão rezando longamente. Esses receberão sentença mais severa (Mc 12.38-40).

### 3. *O princípio das dores*

O Evangelho de Marcos registra, em meio aos conflitos com as autoridades e a morte de Jesus, um longo discurso escatológico (Mc 13). Com ele, pretende-se corrigir as expectativas apocalípticas dos discípulos – oriundas do judaísmo nacionalista – que eram firmadas, especialmente, na espera da parúsia próxima do Messias, com a expulsão dos romanos e instauração de um Estado judeu autônomo. Por outro lado, não se pretende com este discurso diminuir a esperança no triunfo final da justiça de Deus.

Ao sair do Templo, disse-lhe um dos seus discípulos: “Mestre, vê que pedras e que construções!” Disse-lhe Jesus: “Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra que não seja demolida”. Sentado no Monte das Oliveiras, frente ao Templo, Pedro, Tiago, João e André, a sós, lhe perguntaram: “Dize-nos: quando isso acontecerá, e qual o sinal de que todas estas coisas estarão para se consumir?” (Mc 13.1-4).

O que está em perspectiva é a ampliação da visão escatológica. Não é a destruição do Templo o evento definitivo. Ela não marca a chegada da parúsia. Após o Templo, vem o novo tempo, a nova comunidade.

“Quando ouvirdes falar de guerra e de rumores de guerra, não vos alarmeis: *é preciso que aconteçam*, mas ainda não é o fim” (Mc 13.7).

A comunidade, por sua vez, não deve se enganar por determinados sinais. Eles não são o fim; ainda se seguirão momentos de provações e de possibilidades de ação missionária:

Ficai de sobreaviso. Entregar-vos-ão aos sinédrios e às sinagogas, e sereis açoitados, e vos conduzirão perante governadores e reis por minha causa, para dardes testemunhos perante eles. É necessário que primeiro o Evangelho seja proclamado a todas as nações (Mc 13.9-10).

A base teológica é que Deus é o Senhor da história; ele determina o tempo. O *telos* é, por ele, redimensionado e toda a realidade presente, não obstante a presença dos poderes opressores que geram a morte, é ocasião para o testemunho, perseverança e vigilância dos cristãos<sup>23</sup>.

“Atenção, e vigiai, pois não sabeis quando será o momento” (Mc 13.33).

#### 4. *Jesus, o poder romano e o poder judeu*

A morte de Jesus teve objetiva consciência, tanto do poder romano como das autoridades judias. Jesus deslegitimou ambos, em especial com o silêncio. Primeiramente no Sinédrio: “Levantando-se então o sumo sacerdote no meio deles, interrogou a Jesus dizendo: ‘Nada respondes? O que testemunham estes contra ti?’ Ele porém ficou calado e nada respondeu” (Mc 14.60-61).

Depois, ante Pilatos:

Logo de manhã, os sumos sacerdotes fizeram um conselho com os anciãos e os escribas e todo o Sinédrio. E, amarrando a Jesus, levaram-no e entregaram-no a Pilatos. Pilatos o interrogou: “És tu o rei dos judeus?” Respondendo ele disse: “Tu o dizes”. E os sumos sacerdotes acusavam-no de muitas coisas. Pilatos o interrogou de novo: “Nada respondes? Vê de quanto te acusam!” Jesus, porém, já nada mais respondeu, de sorte que Pilatos ficou impressionado (Mc 15.1-5).

O silêncio é expressão política e teológica de relevância. Jesus falou aos pobres e calou-se diante dos poderosos. Com isso, revela-se a atitude e a missão preferencial que marcou o ministério de Jesus. O silêncio, quando não por conveniência própria, indica especial mística, um “para além de”, despojamento absoluto e confiança no Pai. O silêncio é sinal de libertação.

As autoridades judias entregaram a responsabilidade pela morte de Jesus aos romanos. Tal atitude evidenciou definitivamente a intrínseca relação entre a esfera religiosa e a esfera política presente na missão de Jesus.

Quem, afinal, matou Jesus? É necessário destacar que não foram os judeus que assassinaram Jesus, como por vezes aparece no senso comum. Essa visão representa um forte antisemitismo. Foram as autoridades judias, em especial os saduceus, em aliança com Pôncio Pilatos e demais autoridades do Império Romano que desenvolveram o processo que culminou na cruz<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> Cf. Dagoberto Ramirez. “Compromisso e perseverança: estudo sobre Marcos 13”. *RIBLA* (7), 1990, p. 59-75.

<sup>24</sup> Sobre a profundidade do significado da cruz, veja: MURDOCK, William A. A ‘Theologia Crucis Marci’ vista da encruzilhada da América Latina: ensaio sobre a teologia do Evangelho segundo Marcos. *RIBLA*, n. 9, p. 85-98, 1991; e BIEHL, João G. Nu, e além da cruz. *Estudos Teológicos*, n. 30 v. 3, p. 198-205, 1990.

Jesus morreu por fidelidade às tradições libertadoras do êxodo e da aliança dos profetas, expressões do reino de Deus que pregou. O conflito com o centro foi inevitável, uma vez que as autoridades judias traíram as próprias tradições e bases teológicas, e as romanas possuíam perspectiva de poder oposta às propostas e práticas de Jesus<sup>25</sup>.

Histórica e pastoralmente, estes relatos, não obstante a ressurreição, conferem medo, como tiveram aquelas que fugiram do túmulo, assustadas (Mc 16.6). Todavia, os consensos exegéticos indicam ser uma história inconclusa... Sinal, portanto, de que o ponto final está por vir, que fidelidade e esperança se conjugam e que a realidade presente requer vigilância e novidade permanente.

## V - Uma tentativa de atualização

“O tempo não para; não para”, diz outra canção. É no movimento deste tempo que a experiência evangélica inicial chega aos dias de hoje, com interpelações e apelos dos mais diversos. O mesmo se pode dizer das respostas (ou a ausência delas) por parte dos cristãos.

Pensar o Evangelho de Marcos no contexto latino-americano da atualidade é tarefa que requer posturas bastante semelhantes à da comunidade *marcana*, não obstante quase dois milênios no tempo. A pergunta “quem é Jesus?” igualmente se impõe, em especial pelo florescimento da diversidade religiosa e filosófica no final deste milênio.

Se as análises estiverem corretas ao indicarem que a vivência da fé cristã, nas diferentes Igrejas e comunidades, distancia-se progressivamente de um núcleo teológico básico e adquirem perfis em sintonia com as transformações sociais (despersonificação, massificação e relativização da vivência comunitária), o Evangelho de Marcos ganha relevo, uma vez que indica a resposta de quem Jesus é a partir do discipulado e do seguimento a ele. Por quê?

### *Conflito x harmonia*

A nova religiosidade emergente inclui uma articulação de elementos místicos e filosóficos de várias procedências: das expressões espiritualistas e mágicas que se configuram em torno da chamada Nova Era, da multiplicação dos grupos orientalistas, do fortalecimento institucional dos movimentos de renovação carismática e similares, e do crescimento do setor das Igrejas evangélicas, em especial o do pentecostalismo. Este amálgama, expresso em formas diferenciadas, está em conexão com a lógica da eficiência, do individualismo, da harmonia e do triunfalismo engendrados pela globalização

<sup>25</sup> Cf. RICHARD, op. cit., p. 56-58.

econômica e das comunicações e pelas políticas neoliberais vigentes. Há uma excessiva confiança na técnica (humana) e pouco apreço (quando não contraposição) pela prática da solidariedade e pelas vivências de caráter mais gratuito e de despojamento. Enfatizar o caminho concreto de seguimento a Jesus, acentuando o conflito como chave de leitura, significa, por um lado, andar na “contramão” da atualidade (pois a chave da mentalidade vigente é a harmonia) e, por outro, corrigir, com a perspectiva de Paixão, sofrimento e instabilidade, a mentalidade triunfalista do êxito religioso, majoritariamente difundida no contexto atual.

### *Fé x religião*

Outra interpelação do Evangelho de Marcos é de natureza intraeclesial. Jesus confrontou as autoridades religiosas pela centralização do poder, pela cristalização das doutrinas, pela dogmatização e absolutização das idéias teológicas (a Lei) e pela supremacia da dimensão institucional em detrimento da vida humana.

O campo das Igrejas (para situar apenas a dimensão eclesial e não a religiosa como um todo) está repleto de manifestações do seguimento e de compreensão do Evangelho, nos moldes pastorais indicados em Marcos. São milhares de comunidades – evangélicas e católicas – em todo o continente, onde partilha, solidariedade e comunhão marcam a vida eclesial – por sua vez, não isenta de conflitos. Todavia, de forma crescente, há forte dispersão desta vivência. A explicação de caráter interno à vida das Igrejas (outras formas de análises são possíveis e complementares) encontra-se, sobretudo, nos enrijecimentos institucionais das estruturas eclesiásticas, tanto católica como protestantes. Os primeiros têm alcançado até mesmo debates mais populares, nas comunidades e na mídia. Até a irreverência de grupos de *rock* sabem que o papa, além de *pop*, “não poupa ninguém” (Engenheiros do Havaí). No campo protestante, os processos repressivos (autoritários ou totalitários) são volumosos e têm sido objeto de estudos e de reação popular. Ambos geram movimentos críticos e de renovação institucional. O Evangelho de Marcos propõe um novo saber e uma nova prática que emerge da comunidade. De fato, ele indica uma nova comunidade, na qual as relações são constituídas de fraternidade e de serviço. Esse é um dos grandes desafios para as igrejas ante a realidade institucional em que estão mergulhadas nesta virada de milênio.

### *Reino de Deus x dominação*

Uma terceira contribuição do Evangelho de Marcos situa-se no confronto entre reino de Deus e poder político-econômico. Não obstante os avanços tecnológicos, o clima de barbárie fruto das políticas implementadas pela maioria dos poderes constituídos no continente é constrangedor para a ótica

cristã. Ressalta-se a situação do uso e da distribuição da terra, a desvalorização da força de trabalho em função da automação, a violência e a degradação da vida nas grandes cidades e a formação de uma massa considerável da população excluída do sistema econômico e passível de ser eliminada pela morte. A prática do Evangelho, ao contrário, é a da solidariedade e da justiça. Os relatos de Marcos confirmam, com as ações de Jesus, esta perspectiva.

Ainda que existam formas exacerbadamente ideologizadas de enfatizar o martírio e a inserção política dos cristãos na América Latina – e vários setores têm feito esta autocrítica –, o fato é que perspectivas pastorais de caráter mais fortemente eclesial (como afetividade, devocionalidade, organização interna) não podem ocultar a necessidade de confronto com toda e qualquer política iníqua, que não produza justiça e dignidade humana. O Evangelho de Marcos revela, em sua época, as consequências da radicalidade de Jesus ante as injustiças sociais. Este é, portanto, um parâmetro substancial para a prática dos cristãos.

### *Sentido x caos*

Por fim, está a grande contribuição do Evangelho de Marcos em oferecer sentido e esperança em meio aos conflitos e às possibilidades de sofrimento e ausência de êxito. Na atualidade, todos os grupos que direta ou indiretamente tinham como referência as experiências e as utopias socialistas chegaram, pelos menos, a duas constatações: a primeira trata da ausência de um projeto global alternativo ao neoliberalismo; e a segunda refere-se ao conjunto de perplexidades em diferentes campos do conhecimento – o que inclui a teologia e a pastoral – que, usualmente, passou a ser denominado “crise dos paradigmas”.

Na voz da canção inicialmente referida: “meu coração é mais um coração partido. Minhas ilusões estão todas perdidas”. Daí o *kairós*, o tempo oportuno para novas referências e novas esperanças. O Evangelho de Marcos mostra esta possibilidade, indica o caminho (“o seguimento de Jesus no prosseguimento de sua causa”) e cria nos discípulos, de ontem e de hoje, a ânsia de sentido. De fato, “eu quero uma pra viver”, como expressa a mesma canção.

### **Bibliografia**

- ALEGRE, Xavier. Marcos ou a correção de uma ideologia triunfalista: chave de leitura de um evangelho beligerante e comprometido. *A Palavra na Vida*, n. 8, CEBI, 1988.
- AZEVEDO, Valmor Oliveira de. Uma leitura do Evangelho de Marcos: a força pedagógica da articulação global do Evangelho de Marcos. *Estudos Bíblicos*, n. 22, p. 23-30, 1989.
- \_\_\_\_\_. “Dai-lhes vós mesmos de comer”: desafio, crise e partilha. *Estudos Bíblicos*, n. 15, p. 47-56, 1987.

- BARROS DE SOUZA, Marcelo. Assim viveram nossos irmãos. In: BEOZZO, José Oscar (org.). *Curso de Verão Ano III*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 15-45.
- BIEHL, João G. Nu, e além da cruz. *Estudos Teológicos*, v. 3, n. 30, p. 198-205, 1990.
- COMBLIN, José. A Igreja nas casas. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 47, n. 162, p. 320-355, jun. 1987.
- GALLARDO, Carlos Bravo. *Jesús hombre en conflicto*. México: México, Centro de Reflexão Teológica, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Galiléia ano 30: para ler o Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- GLAAB, Bruno Godofredo. O modelo igreja serviço: uma análise teológica de Marcos 10.42-45. *Revista de Cultura Teológica*, v. 3, n. 12, p. 99-107, jul./set. 1995.
- GORGULHO, Gilberto. O caminho e o seguimento de Jesus. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 44, n. 174, p. 25-37, jun. 1984. (*Estudos Bíblicos*, 2).
- LORASCHI, Celso. Jesus e as comunidades: caminho de amor e vida – o novo povo de Deus na perspectiva do Evangelho de Marcos. *Encontros Teológicos*, n. 21, p. 30-37.
- MOSCONI, Luis. O Evangelho segundo Marcos. *A Palavra na Vida*, n. 24, 1989.
- MURDOCK, William. A “Theologia Crucis Marci” vista da encruzilhada da América Latina: ensaio sobre a teologia do Evangelho segundo Marcos. *Ribla*, n. 9, p. 85-98, 1991.
- RAMIREZ, Dagoberto. Compromisso e perseverança: estudo sobre Marcos 13. *Ribla*, n. 7, p. 59-75, 1990.
- RICHARD, Pablo. *O homem Jesus*. São Paulo: Moderna, 1993
- SILVA, Airton José da. O relato de uma prática: roteiro para uma leitura de Marcos. *Estudos Bíblicos*, n. 22, p. 11-21, 1989.
- \_\_\_\_\_. Por que milagres? O caso da multiplicação dos pães. *Estudos Bíblicos*, n. 22, p. 43-53, 1989.
- VOLKMANN, Martín. Jesus “destruiu” o Templo – a Igreja o reconstruiu? *Estudos Teológicos*, v. 3, n. 30, p. 244-255, 1990.